

UMA INTRODUÇÃO SOBRE O MAL NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

Pesquisador: Gustavo Rocha Alves Arnoni
Orientador: Prof^º Andrey Albuquerque Mendonça
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de Graduação em Teologia
Eixo Temático: Teologia Sistemática
Categoria: Poster

INTRODUÇÃO

Não sei se é possível mencionar algum filósofo, de todas as épocas e escolas, que ignore o fato do mal e a influência deste no mundo e no homem. O problema do mal não é uma simples teoria que atormenta as mentes dos pensadores, é um problema que eles precisam lidar no mundo real. Dificilmente se negará a existência do mal, ou de algum tipo de mal - ainda que não baseado em padrões de moralidade e imoralidade, ou em padrões teológicos, ou ainda padrões que se crêem ser revelados por Deus - não há quem não atribua o mal a alguma coisa, isto é, ainda que se admita que o sofrer e a dor não são males, algum tipo de mal a pessoa admitirá. Os grandes pensadores admitiram o mal, obviamente sob perspectivas diferentes, com pressupostos diferentes, ou ainda indiretamente, mas, com certeza, este problema que nos é colocado não é ignorado por nenhum deles.

Creio que não há, talvez, a mínima necessidade de esclarecer porque tratar sobre o mal é relevante: Todos se perguntam e são atingidos por ele. O mal é, ele está, ele se nos impõe, ele é por nós nomeado, classificado, julgado, distinguido, todavia, *ele é*, não no sentido ontológico, isto é, em atribuição a um ente chamado *mal*, mas no sentido atributivo, pois atribuímos o mal a algo, embora alguns possam pensar ontologicamente no mal, como também será abordado. Se o mal é algo que desde muito tempo perturba a paz e estabilidade humana, bem como a sociedade, a religião e a filosofia, vemos a suma importância de tratarmos desta questão, e, muito apropriado é fazer uma breve consideração sobre isto no pensamento do filósofo Agostinho.

Santo Agostinho, reverenciado tanto no meio literário como no teológico e no filosófico, não ignorou este fato: O mal. Ninguém melhor, a princípio, para nos ensinar algumas coisas sobre o mal do que este filósofo, ele que por muito tempo foi “atormentado” pelo problema do mal. Sua busca incessante por uma resposta ao problema: sua origem e seus efeitos, o levaram a fazer considerações de um “avanço” filosófico admirável, de forma que devemos olhar, absorver e refletir sobre o que ele tem a nos dizer com respeito a este assunto.

Devemos começar, portanto, dizendo que Santo Agostinho, antes de

sua conversão ao cristianismo, fez parte de uma seita que tinha admiráveis pensamentos sobre o mal e sua “origem”, esta é: o Maniqueísmo.

1. O MANIQUEÍSMO E A SUBSTÂNCIA DO MAL

O termo maniqueísmo se deve ao seu fundador Mani (O Vivo), um sábio persa gnóstico. Este nasceu no século III e seus ensinamentos tiveram grande influência no Ocidente bem como no Oriente. Entretanto, não nos prenderemos a detalhes biográficos de Mani, mas especificamente a uma das doutrinas fundamentais de sua religião: o Dualismo.

O dualismo, no pensamento maniqueísta, se dá propriamente pela luta constante de duas substâncias eternas coexistentes: A luz e as trevas. A luz é associada ao bem e a Deus, as trevas ao mal e a turbulência. Como foi dito, ambas as substâncias são eternas, porém nem sempre estiveram em conflito (embora sempre fossem opostas). As trevas estavam no sul e a luz no norte. Em determinado momento tais substâncias se “encontraram”, surgindo o conflito e o mundo. Desta forma se explica a presença do bem e do mal, da luz e das trevas, do desequilíbrio e equilíbrio no mundo. O bem é atribuído a Deus, as trevas, por sua vez, deram origem a Satanás, o inimigo de Deus. A anulação do mal por meio da destruição deste não é desta forma possível, pois é eterno, sendo possível apenas “controlá-lo”, isto é, afastá-lo para o seu local, onde deveria estar. Esta é a luta constante entre Bem e Mal no pensamento maniqueísta.

O maniqueísmo teve grande influência no pensamento de Santo Agostinho, como ele mesmo nos diz (AGOSTINHO, 1961a, p. 94): “Não conhecia eu outra realidade – a verdadeira – e me sentia como que movido por um agulhão a concordar com a opinião daqueles insensatos [maniqueus] impostores quando me perguntavam de onde procedia o mal...”

Alguns aspectos foram cruciais para despertar o interesse que Agostinho teve para com o Maniqueísmo: A retórica dos mesmos, uma vez que o próprio Agostinho era um grande retórico, professor erudito que dominava o latim, o interesse e estudos que eles faziam da astrologia, e a dificuldade que Agostinho tinha com o Antigo Testamento e o problema do mal, como reforça Evans (1995, p. 29):

Os maniqueus sustentavam que Deus falava diretamente à alma, através de sua Palavra, iluminando-a de tal sorte que os iluminados podiam vê-lo. A ideia de Agostinho do caráter intelectual do discernimento espiritual, seu desgosto pelos livros históricos do Antigo Testamento, sua necessidade urgente de respostas que o satisfizessem, tudo isso tornou-o receptivo destes ensinamentos. Além disso, os missionários maniqueus eram evidentemente atração espetacular.

Desta maneira, Agostinho tocado por sua vaidade intelectual, e encontrando empatia e compatibilidade nos maniqueus (não apenas quanto à intelectualidade, mas também por sua resolução quanto ao problema do mal encontrando um lugar para o mal no universo) por nove anos se torna maniqueu e adere as suas doutrinas.

Pois bem, o pensamento maniqueísta oferece certa “desculpabilidade” para Deus quanto ao problema do mal: sendo Deus amor, não poderia ter criado o mal, logo este também é eterno.

Obviamente a resposta de uma substância eterna coexistente com Deus ainda não é suficientemente satisfatória para eliminar todo o problema do mal. Todavia, sabemos que Agostinho não era totalmente complacente aos pensamentos maniqueístas e já os questionava, embora não os abandonando por não encontrar nenhuma outra doutrina satisfatória.

2. O MAL COMO PRIVAÇÃO DO BEM

Posteriormente, em sua frustração na obtenção de respostas por parte de Fausto sobre alguns de seus questionamentos, Agostinho “foi movido desde o interior a abandonar os maniqueus pelo próprio conflito do qual esperava que os maniqueus o resgatassem. O problema do mal permanecia não resolvido para ele” (EVANS, 1995, p.35).

Após o contato com a filosofia de Platão via Plotino, isto é, o neoplatonismo, abriu-se algumas novas reflexões na mente de Agostinho. Mas, o ponto de culminância na virada do pensamento de Santo Agostinho está em seu contato com Ambrósio, o bispo de Milão e sua conversão ao cristianismo.

No que diz respeito ao contato com o neoplatonismo, Agostinho amadurece sua ideia de Deus e faz uso do mesmo para fortalecer e fundamentar algumas ideias cristãs filosoficamente, uma vez que, para Agostinho e outros pais da igreja, o cristianismo era a verdadeira filosofia. A ideia de um Deus Uno e separado, acima do ser que Plotino falava, fez uma verdadeira transformação na visão de Deus que os maniqueus implantaram na mente de Agostinho, esta é, um Deus que possui um corpo. Ora, estando Deus, para Plotino, acima do ser, logo o corpo, algo próprio do ser (homem, por exemplo) não cabe a Deus, como afirmavam os maniques.

Ora, Plotino pensava também que a matéria é má e, exatamente por isto, Deus é algo fora da matéria, não preso a ela, pensamento que vemos em Platão. Além disto, Plotino também pensava paradoxalmente quanto à presença de Deus: Deus está e não está em todos os lugares. Isto é, Deus preenche todos os espaços ao mesmo tempo em que não está na matéria, pois esta é má. Este pensamento é claramente percebido em Agostinho em suas Confissões (AGOSTINHO, 1961a, p. 43).

Abre-se, em Plotino, uma possibilidade de pensar o não-ser (EVANS,

1995, p. 61): “Se pode haver um contrário para substância, ou essência, talvez seja que neste caso possamos encontrar o “nada”, a não-substância, o não-ser.” Isto é de grande importância da discussão da ontologia. Desta maneira, Agostinho pensa que todas as coisas que existem são boas, e que aquilo que é totalmente destituído de bem, não existe. Isto ocorre porque o mal já é entendido como uma privação, um remeter ao nada. A primeira aparência é que o mal é o nada, o não-ser, o privar-se do bem:

Do mesmo modo se me deu a entender que também são boas as coisas que se corrompem. Se fossem sumamente boas, não poderiam se corromper, como tampouco o poderiam se não fossem boas de algum modo. Com efeito, se fossem sumamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhuma bondade, nada haveria nelas que se pudesse corromper. (AGOSTINHO, 1961a, p. 202)

Desta forma Agostinho percebe que o mal não é uma substância, pois tudo o que existe é bom, e admitir a existência de uma substância má é atribuir ao criador (que é bom) à criação de tal substância¹. No entanto, não pode se encerrar aqui a investigação, pois ainda não foi resolvido o problema do mal, isto é, porque ele existe, não na forma de substância, mas de outras maneiras: O mal como vontade e ato, o mal como pecado.

3. O MAL COMO VONTADE E ATO: A possibilidade do mal por meio da vontade e sua objetivação.

Vimos em uma primeira parte que o mal é a privação, é o nada, é a ausência e o ausentar-se do bem. Neste momento veremos brevemente o mal como vontade e ato, ou, a vontade como “possibilitadora” do mal. Devemos ter sempre em mente que aqui, o mal e pecado são inerentes no pensamento de Agostinho. Entretanto, deve-se falar de algo que o possibilita, isto é, que possibilita o mal, e que não é em si mesmo o mal, mas pode ser *para* o mal. Ora, se pode ser *para* o mal, pode ser substancialmente *para* o bem, a saber: A vontade do homem, sua liberdade, o seu livre-arbítrio.

Este problema da vontade surge, porque se anularmos esta, teremos de admitir a natureza criada por Deus como má em si. Ou seja, se não existe a vontade de escolha, tanto nos homens quanto nos anjos, temos de admitir que Deus já os criou com inclinação para o mal, sendo assim, a natureza deles já possuía o mal, logo, Deus criara a natureza deles maligna. Entretanto, para Agostinho tudo o que Deus criou é bom, e se os anjos e os homens pecaram não foi por um “defeito” em sua natureza, uma vez que é pura por ser criada por Deus (devemos ter em mente que neste sentido da vontade Agostinho considera igual anjos e homens).

A vontade é o que possibilita o mal, e ainda que escolhido o mal, ou

melhor, ainda que optado o mal por privar-se do bem pela potência da vontade, a natureza continua sendo boa, mas a vontade se torna viciosa ou viciada (AGOSTINHO, 1961b, p. 125), de modo que isto nos remete a outro problema: Como um ser de natureza boa pode possuir uma vontade má, isto é, qual a *causa eficiente* da má vontade? A isto nos responde Agostinho:

Ninguém busque, pois, a causa eficiente da má vontade. Tal causa não é eficiente, mas deficiente, porque a má vontade não é efetiva, mas defectivamente. Declinar do que é em sumo grau ao que é menos é começar a ter má vontade. Empenhar-se, portanto, em buscar as causas de tais defeitos, não sendo eficientes, mas, como já dissemos, deficientes, é igual a pretender ver as trevas ou ouvir o silêncio. (AGOSTINHO, 1961b, p.163).

Agostinho quis dizer que é impossível ouvir e ver o que não é, indicando que não foi algo que impulsionou a vontade do homem, isto é, uma força ativa, algo que lhe impeliu, mas pelo contrário, a deficiência da vontade foi errar por optar pelo erro, quero dizer que, em termos modernos, não se deve atribuir *a priori* um mal na vontade, mas *a posteriori* por esta vontade ter errado voluntariamente, sendo *a priori* livre do mal.

Desta forma Agostinho conclui que se não fosse assim, não haveria justiça no castigo divino, uma vez que ele mesmo teria posto em nós a má vontade ou uma natureza má. Portanto, conclui ele (AGOSTINHO, 1987, p. 59): “Enfim, se o mal não fosse obra da vontade, absolutamente ninguém deveria ser repreendido ou admoestado (...). Logo, à vontade deve ser atribuído o fato de se cometer pecado.”

Sendo assim, o que possibilita o mal é a vontade, que parece ser isenta de inclinação natural, isto é, o homem possuindo uma vontade por natureza, tal vontade é boa, pois Deus a pôs nele. Entretanto, vontade é possibilidade de escolha, inclusive de usá-la para um mal.² Entenda-se também a vontade não como um sentimento de querer, mas sim como uma vontade racional, pois o querer é presente nos animais instintivamente, mas a mente (intelecto) e vontade racional são do homem (e dos anjos), e isso é o que lhe possibilita escolher o mal (EVANS, 1995, p.145: “ Agostinho localizou a fonte do mal (...) na vontade racional, que é livre de escolher entre bem e mal”, e é por meio da própria razão que o homem domina sobre suas paixões, ou sobre suas vontades viciadas. (AGOSTINHO, 2004, p. 50). Concomitantemente a isto, para finalizar este aspecto, Agostinho (1961b, p.153) nos diz que:

Ora, não se permite por em dúvida que as inclinações contrárias entre si dos anjos bons e dos maus não dependem da diferença de natureza e princípio, posto uns e outros serem obra de Deus, Autor e Criador excelente de todas as substâncias, mas da contrariedade de suas vontades e desejos. A razão é que, enquanto uns se mantiveram no bem, comum a todos, que é para eles o próprio Deus, e em sua eternidade, verdade e caridade, os outros, embriagados por seu próprio poder, como se fossem

seu próprio bem, declinaram do bem beatífico, superior e comum a todos, aos seus particulares e, tendo por muito sublime eternidade o fausto de sua altivez, por verdade certíssima os artifícios da vaidade e por caridade mútua suas rivalidades repletas de ódio, se tornaram soberbos, enganadores e invejosos.

Esclarecido o livre-arbítrio, somos automaticamente remetidos a procura de uma concretização ou objetivação para o mal no ato humano. Isto acontece porque, como disse, a vontade em si não pode ser considerada como má, pois é natural, mas o uso desta vontade de maneira errada (ou má) é o próprio mal. Ou seja, o homem é dotado de liberdade, tal liberdade lhe confere a possibilidade de escolha, e hesitantemente digo que não há no homem uma potência maligna, mas apenas uma potência de escolha, pela qual o mal só pode vir a existir por meio de uma ação. Logo, quando o homem faz o mal (peca) o faz por concretização ou objetivação atual, i.e., por *agir* mediante sua possibilidade de escolha em direção a algo que não é bom e justo. Obvio que não é o agir o mal, mas o *agir mal* o mal. Que é pois o agir mal? Nada mais é que abordaremos a diante, *o pecado*.

4. O MAL COMO PECADO E MORTE

A questão do pecado não é de fácil compreensão e contém múltiplas faces que não será possível explorar nesta breve pesquisa. Entretanto, duas coisas fundamentais devemos ter em mente ao falar do mal e do pecado: que a morte é um mal e que a morte existe por causa do pecado que é outro mal. A morte, segundo Agostinho e o texto bíblico que embasou seu pensamento é devida ao fato do homem ter um dia pecado. Ora, se a morte é por conta do pecado, logo o pecado deve primeiramente ser abordado com, obviamente, duas perguntas fundamentais: Que é pecado e qual seus efeitos?

Segundo Agostinho pecado é um ato da vontade de escolher se afastar do seu criador. Ora, o homem criado a imagem e semelhança de Deus deve estar em contato constante com este Deus, uma vez que o homem de distância deste Deus ele opta por um mal, pois junto a Deus está tudo o que é bom, e longe dele, como já disse, está o mal, de modo que (AGOSTINHO, 1961a, p. 75):“(…), pecamos quando, por inclinação imoderada – apesar de serem bens ínfimos – são abandonados os melhores e sumos, como tu, Senhor, nosso Deus, tua verdade e tua lei.”. Não obstante a isso, continua a nos esclarecer que (AGOSTINHO, 1961a, p. 78): “Assim peca a alma, quando apartada de ti, e busca fora de ti o que não pode achar puro e sem mescla senão quando se volta para ti.”.

O homem afastando-se de Deus conseqüentemente faz com que Deus afaste-se dele, ou seja, ao homem tomar a atitude de ir para longe de Deus, Deus também se afasta do homem (AGOSTINHO, 1961b, p. 213). Tal afasta-

mento é o mal, e mais, gera outro mal, a saber, *a morte*.

Podemos fazer ainda uma subdivisão na consideração sobre a morte em duas partes. A primeira morte consiste exatamente no pecado: a morte é o afastar-se de Deus. Não que a morte seja pecado, mas é a consequência deste. Podemos dizer que, de certa forma, o pecado é a própria morte, mas não que a morte – como já disse – seja o pecado. Digo que o pecado é a própria morte porque o pecado, assim como a morte, é o afastar-se de Deus, sendo isto, segundo Agostinho, um mal.

O segundo aspecto da morte é a separação desta do corpo, esta é a segunda morte, isto porque é contra a natureza, e não pode ser visto como um bem (AGOSTINHO, 1961b, p. 203). O homem, segundo o pensamento de Agostinho, foi criado para a imortalidade, isto é, tanto do corpo quanto da alma. De modo que ele mesmo discorre contra aqueles que negam isto reafirmando a posição de que o homem se não tivesse pecado seria imortal (AGOSTINHO, 1961b, p.221). No entanto, pelo pecado do homem haverá a separação do corpo e da alma, e isto é um mal. Obviamente não é inteiramente mal para Agostinho para os cristãos, mas a separação em si do corpo e alma é algo mal e que não estava no princípio com o homem antes da queda do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância de estudar a temática do mal no pensamento de Santo Agostinho pode ser notada facilmente. No entanto, é obvio que muito se acrescenta a isto, uma vez que tal estudo proposto é apenas introdutório, visto que a complexidade do pensamento de Agostinho não é de rápida e fácil exposição. Em suma, o que devemos ter em mente são os tipos de mal que foram tratados no pensamento de Santo Agostinho, estes são: O mal como ausência do bem, O mal como vontade e ato, o mal como pecado e morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. As Confissões. São Paulo: Editora das Américas, 1961a.

_____. A cidade de Deus: VL II. São Paulo: Editora das Américas, 1961b.

_____. A verdadeira religião. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. O Livre-Arbitrio. São Paulo: Paulus, 2004.

EVANS, G.R. Agostinho: Sobre o Mal. São Paulo: Paulus, 1995.

MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia: Tomo III. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CHAMPLIN, R.N, BENTES, João Marques. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1991.

¹ O mal é uma não-presença do bem, ou seja, a ausência deste último. Por exemplo: Quando a luz se oculta, impera as trevas, mas a trevas não são por si, elas só vêm a existir quando a luz está ausente. Da mesma forma quando o bem não está presente é o mal que lá está. Se perguntarmos então porque Deus não acaba com o mal sendo ele todo poderoso e bom a resposta é: Não há o mal, há uma ausência do bem, e tal ausência como veremos é por vontade, ato e pecado do homem, desta forma para Deus acabar com o mal teria que acabar com o próprio homem dotado de vontade, anulando assim sua liberdade, i.e., a liberdade do homem. Sendo Deus amor, "não pode" fazer isto, pois o fato de Deus amar o homem implica que este lhe dá a liberdade. Obviamente isto também pode ser objetado, mas não estaríamos mais falando de Agostinho e nos aprofundaríamos em uma questão estritamente teológica.

² Tomemos o cuidado ao falar que a vontade é isenta de inclinações por natureza. Agostinho crê que após o pecado a própria vontade do homem é para o mal, todavia a princípio, isto é, em Adão, a vontade era livre de tais influências, ver EVANS, 1995, p. 148.